

IMERSÃO VIRTUAL NO MOVIMENTO DE MULHERES DAS ILHAS DE BELÉM, PARÁ, BRASIL

Gutemberg Armando Diniz Guerra¹
Oswaldo Mesquita²

RESUMO

O objetivo desse artigo é descrever o processo metodológico de acompanhamento do Movimento de Mulheres das Ilhas de Belém – MMIB, originalmente desde 24 de maio a 30 de dezembro de 2016, e depois com atualizações até 2020, através do grupo de WhatsApp criado pelas lideranças, e de outros instrumentos virtuais que serviram como fonte de informações para elaboração de uma dissertação de mestrado. Como um dos instrumentos de comunicação entre os membros da organização era o WhatsApp, solicitou-se que fosse permitido aos pesquisadores a inserção neste grupo, pois possibilitaria que estivessem a par de todas as suas atividades. Além da comunicação virtual, foram feitas visitas frequentes durante todo o ano de 2016, em particular durante mutirões, reuniões, atividades dos projetos, atividades festivas e visitas para entrevistas com membros da entidade. Conclui-se pela enorme importância desse meio de comunicação cotidiana que permite uma visualização da relação entre os membros do grupo e os seus simpatizantes, funcionando como um elemento de utilidade com amplas possibilidades de comunicação, registro e imersão no ambiente da pesquisa.

Palavras chave: trabalho de campo. Metodologia de pesquisa. Epistemologia. Redes sociais.

ABSTRACT

The aim of this article is to describe the methodological process of monitoring the Belem Islands Women's Movement - MMIB, originally from May 24 to December 30, 2016, and later with updates until 2019, through the group of WhatsApp created by the leaderships, and other virtual instruments that served as source of information for the elaboration of a Master's thesis. As one of the communication tools among the members of the organization was WhatsApp, it was requested that researchers could be allowed to join the group, since it would allow them to be aware of all their activities. Besides the virtual communication, frequent visits were made throughout the year 2016, particularly during collaborative efforts (grouping), meetings, project activities, festive activities and visits for interviews with members of the organization. It is concluded by the enormous importance of this daily means of communication that allows a visualization of the relationship between group members and their sympathizers, performing as an element of utility with wide possibilities of communication, registration and immersion in the research environment.

Keywords: Fieldwork. Research Methodology. Epistemology. Social networks.

Data de submissão: 15.07.2020

Data de aprovação: 26.08.2020

¹ Professor associado do Núcleo de Ciências Agrárias e Desenvolvimento Rural da Universidade Federal do Pará. E-mail: gguerra@ufpa.br

² Geógrafo, mestrando em Agriculturas Familiares e Desenvolvimento Sustentável do Instituto Amazônico de Agriculturas Familiares, Professor da Rede Municipal de Tailândia. E-mail: vavadimesquita@gmail.com

INTRODUÇÃO

A imersão presencial no campo de estudo é uma exigência metodológica nos trabalhos científicos, em particular no campo da Antropologia e mais ainda se houver pretensão de produzir uma etnografia. No caso apresentado, o objetivo do trabalho é entender as relações entre o Movimento de Mulheres das Ilhas de Belém e as empresas que demandavam produtos como a priprioca, a andiroba, o pracaxi e artesanato utilizando produtos florestais não madeireiros. A relação de proximidade entre os pesquisadores e o MMIB permitiu, além da presença em momentos de atividades coletivas como reuniões, mutirões, palestras, festividades, também o contato virtual via email e grupo de whatsapp. Esse último permitia mais do que o acesso a documentos, o acesso cotidiano para entender a dinâmica de comunicação entre os membros do MMIB e o tratamento dados aos assuntos de interesses da comunidade, em particular o referente ao que se relacionava com o fomento de atividades econômicas. O que interessava na pesquisa, era acompanhar as atividades do MMIB e o uso do Whatsapp. Seria mais do que uma ferramenta de coleta de dados e de identificação dos momentos cruciais para acompanhamento dos debates das ações organizacionais do MMIB. Dessa forma, a metodologia utilizada foi a de visitas frequentes em momentos estratégicos da dinâmica do MMIB, entrevistas e o acompanhamento diário das mensagens trocadas no grupo virtual.

O que inspirou esse texto foi a percepção de que a ferramenta virtual se constitui em uma inovação no processo de comunicação, com uma presença e acesso diferenciado a detalhes que escapam a instrumentos convencionais de pesquisa. A dispersão geográfica dos membros do MMIB é minimizada com as mensagens diárias, seja para convocar para reuniões, para dar notícias de andamentos dos projetos, e para saudações de outra natureza que se justifiquem como atividade social do grupo.

1 MERGULHO NA ILHA DE COTIJUBA E NO GRUPO VIRTUAL

A solicitação para ser adicionados ao grupo virtual, não obteve nem uma resistência da direção do movimento e foi fundamental para inserir os pesquisadores no mesmo status que os seus membros.

Belém é um município em que 2/3 de seu território é composto de um arquipélago com características de ruralidade bem definidas. Quais sejam a dispersão dos habitantes no espaço, atividades produtivas do setor primário, relações sociais primárias, acesso precário. Menos de 10% da população do município habitam nas 42 ilhas que integram o território municipal. Cotijuba é a 3ª maior ilha em extensão do município de Belém e tem sido alvo de atenção pelo governo e sociedade civil nas quatro últimas décadas pelo fato de oferecer uma costa rica em praias de rara beleza, a uma distância de 22 quilômetros do centro da cidade. Para se ter uma ideia da área insular de Belém e sua representatividade, apresentamos o quadro 1 constante no Anuário Estatístico do Município de Belém em 1998 e o mapa 1 da CODEM/SEGEP, representando a região metropolitana de Belém, indicando a presença de suas principais ilhas, entre as quais se vê Cotijuba.

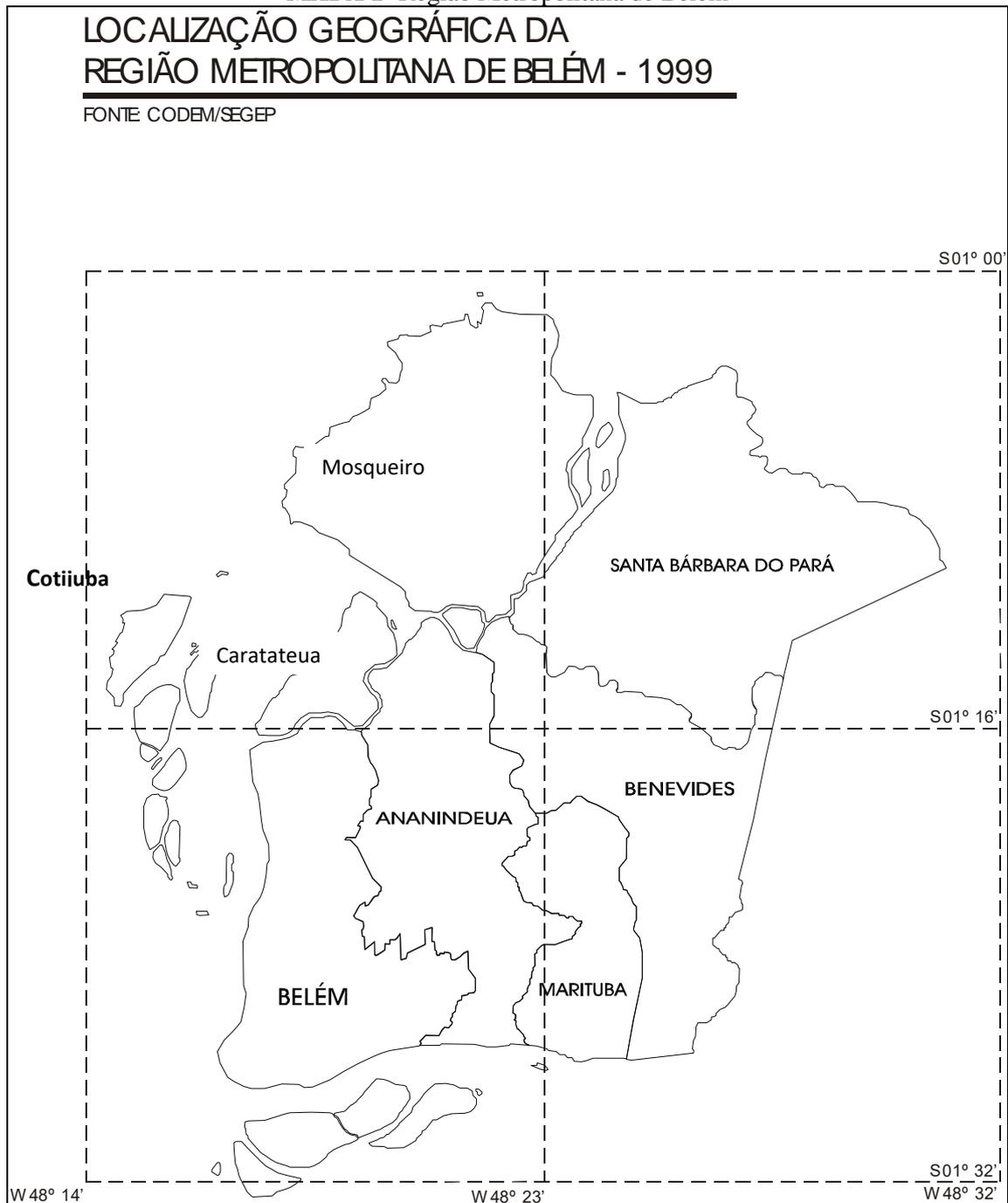
QUADRO 1 - Ilhas do Município de Belém

No	Nome das Ilhas	Área (Ha)
01	Ilha do Mosqueiro	21.254,67
02	Ilha sem nome/Ilha das Pombas (Exército)	0,73
03	Ilha sem nome/Ilha do Maracujá (Exército)	1,89
04	Ilha do Papagaio (Exército)	84,94

05	Ilha sem nome/Ilha do Maruim I (Exército)	2,45
06	Ilha sem nome/Ilha do Maruim II (Exército)	3,27
07	Ilha sem nome	0,35
08	Ilha sem nome	1,12
09	Ilha sem nome (não identificada no ISLANDSAT)	...
10	Sem nome (identificada nos ISLANDSAT)	0,75
11	Ilha Canuari	256,95
12	Ilha da Conceição (Exército)	37,40
13	Ilha sem nome	0,53
14	Ilha São Pedro	416,80
15	Ilha de Caratateua, Outeiro ou Ilha das Barreiras	3.165,12
16	Ilha de Santa Cruz	6,99
17	Viçosa	...
18	Ilha de Tatuoca	6,58
19	Ilha de Cotijuba	1595,29
20	Ilha sem nome (Não existe na C.N. 62 e nem no ISLANDSAT)	...
21	Coroinha (FIBGE)/Nova (C.N. 62)	10,87
22	Ilha de Jutuba	507,97
23	Urubuoca/Paquetá (FIBGE)/Paquetá-açú (C.N. 62)	789,76
24	Ilha sem nome	...
25	Ilha sem nome	7,87
26	Ilha de Patos/Nova (FIBGE)/Mirim (C.N.62)	280,56
27	Papagaios/Uruboca (FIBGE)/ Jararaca (C.N. 62)	356,53
28	Barra/ dos Patos (FIBGE) /Jararaquinha (C.N. 62)	193,70
29	Ilha sem nome	...
30	Ilha sem nome	...
31	Ilha Redonda/Jararaca (FIBGE)/ Longa (C.N. 62)	109,39
32	Ilha do Fortim/ Ilha da Barra	105,72
33	Ilha sem nome/ Ilha do Cruzador (C.N. 62)	...
34	Ilha sem nome/ Ilha do Fortinho (C.N. 62)	0,44
35	Ilha dos Patos	16,06
36	Sem nome	...
37	Ilha de Cintra/Maracujá (FIBGE)	647,67
38	Ilha Marineira/Combú (Exército, FIBGE, C.N. 62)	1505,72
39	Ilha Murutura/Murutucu (Exército)	879,83
40	Ilha Paulo da Cunha/Grande (FIBGE)	929,16
41	Ilha Poticarvônia/Ilhinha (Exército)	8,85
42	Ilha Negra/Sem nome	14,78
	Parte das 42 ilhas	33.203,67 (65,64%)
	Parte do continente	17.378,63 (34,36%)
	Total do Município de Belém = 51.569,30 ha	50.582,30

Fonte: ANUÁRIO ESTATÍSTICO DO MUNICÍPIO DE BELÉM, v. 5. 1998. Belém: Secretaria Municipal de Coordenação Geral do Planejamento e Gestão, 1999.

MAPA 1- Região Metropolitana de Belém



Fonte: Codem/SEGEP, 1999.

Medidas de integração das ilhas à dinâmica demográfica e de atividades de lazer têm sido intensificadas, embora de forma oscilante, provocando alterações importantes no universo estudado. O perfil dos moradores e frequentadores destas ilhas é um indicador das relações entre o rural e o urbano, sejam estas categorias consideradas em separado ou como um *continuum*.

A ideia de estudar os usos de material botânico nativo no processo produtivo permitindo a geração de emprego e renda, vem sendo desenvolvido com base no trabalho do Movimento das Mulheres das Ilhas de Belém – MMIB desde que criado como Grupo de Mulheres da Associação dos Moradores da Ilha de Cotijuba e Adjacências - AMICIA, nos anos 1990. Atitudes discriminatórias por parte de diretores masculinos da Associação

implicaram na formação de um grupo de mulheres que passaram a fazer oposição a diretoria e a desenvolver atividades que foram dando corpo e personalidade ao Grupo que finalmente se constituiu como um movimento. Enquanto se verificava o definhamento da AMICIA, paralelamente se fortalecia o Grupo de Mulheres que viria a ser o MMIB. Um dos momentos cruciais dessa separação foi o fracasso de projetos como o da criação de patos, em parceria com a Prefeitura de Belém. A demora na entrega das rações e o não atingimento da performance esperada levou a uma situação de inadimplência dos associados que se engajaram nesse projeto, o que veio a se somar com outros débitos que foram minando a credibilidade da AMICIA.

O MMIB se forma extrapolando a perspectiva de atividades apenas na Ilha de Cotijuba, pretendendo uma área de abrangência que compreende várias ilhas das 42 do arquipélago de Belém, embora a maioria das ações do MMIB ocorram na Ilha de Cotijuba, em projetos com objetivos diversos que vão desde a inclusão digital, artesanato, coleta de sementes de plantas nativas como a andiroba, o tucumã e o pracaxi, organização, assistência a projetos produtivos como o da priprioica.

Uma das particularidades desse grupo é o fato de se situar em uma zona metropolitana mas apresentar fortes marcas de uma ruralidade geralmente não reconhecida pelos gestores municipais e nem pela população que habita essa região (GUERRA, 2006). Em que pese essa característica de ruralidade pouco evidenciada pelas administrações municipais, tem surgido propostas inovadoras como a da Fundação Escola Bosque na Ilha de Caratateua com suas extensões em algumas das ilhas de Belém incluindo-se Cotijuba entre elas (REIS, 2009). A diferença de percepção de cada gestão sobre os investimentos a serem feitos nesses espaços em que a população é rarefeita e dispersa se traduz em descontinuidades (MELO, 2010, p. 103), seja pela pouco retorno eleitoral que essas áreas proporcionam, seja pelo fato de exigir um tratamento diferenciado para o que a visão urbana dos administradores não se qualifica para as intervenções nesses espaços. As manifestações efetivas do MMIB sobre ações administrativas da Prefeitura Municipal de Belém ou de órgãos do governo do Estado do Pará atuantes nesse espaço, nas diversas áreas como educação, saúde, comunicação, transporte, segurança, revelam o esforço da comunidade em protagonizar tudo o que lhes diz respeito enquanto moradores e cidadãos.

A necessidade de isolamento social compulsório que a pandemia do COVID 19 fez estabelecer nesse ano de 2020 poderá levar a um posicionamento diferenciado sobre o tratamento a ser dado a essas áreas consideradas até então como áreas de reserva para a expansão urbana, fortemente impactadas pela especulação imobiliária e por um mercado de terras oscilante. O grau de abrangência do MMIB deve ser considerado, portanto, não apenas do ponto de vista geográfico, mas também temático, uma vez que praticamente cobre todos os aspectos do cotidiano vivido em geral pelos moradores das ilhas de Belém, em particular os de Cotijuba.

Acompanhando as vivências do MMIB desde 2000, foram-se atualizando as informações em incursões pontuais, a cada ano, com visitas, ora sistemáticas, ora eventuais, guardando-se uma proximidade e relações frequentes com aquele grupo. Em 2015, surgiu a oportunidade de fazer um trabalho sistemático sobre o MMIB, engajando um dos alunos do mestrado em Agriculturas Familiares e Desenvolvimento Sustentável, do Programa de Pós Graduação em Agriculturas Amazônicas, do Núcleo de Ciências Agrárias e Desenvolvimento Rural da Universidade Federal do Pará. A pretensão do estudante era fazer um investimento sobre Agroecologia e o orientador pretendia aprofundar o estudo sobre a organização do Movimento de Mulheres, redundando em uma proposta que cobriria os dois conceitos de duplo interesse.

O Movimento de Mulheres das Ilhas de Belém, protagonizado por indivíduos que habitam a Ilha de Cotijuba, mantém uma relação regular com empresas que compram

produtos existentes na Ilha como a andiroba (*Carapa guianensis* Aublet), a ucuuba (*Virola surinamensis* (Rol.) Warb.), o pracaxi (*Pentaclethra macroloba* (Willd.) Kuntze), ou cultivados sob encomenda, como a priprioca (*Cyperus articulatus* L.).

Feitos os acertos iniciais com a diretoria do MMIB, os pesquisadores se organizaram para estar presentes o maior número de vezes possível na Ilha e acompanhar de perto as atividades da entidade e de seus membros. Sabendo da existência do grupo de Whatsapp, solicitou-se a inclusão neste grupo, o que foi aceito e a partir de maio de 2016 iniciaram a participação no grupo de WhatsApp que tinha o nome da organização MMIB.

A experiência de participar no grupo dava a sensação de uma imersão completa, durante 24 horas ao dia, o que permitiu associar imediatamente à ideia de uma etnografia como descrita pelos antropólogos, que a traduzem como vivência por um determinado tempo e que permite uma descrição densa do grupo observado (GEERTZ, 2008).

Embora a ideia fosse instigante, a pesquisa bibliográfica permitiu verificar a existência de artigos científicos e capítulos de livros sobre o assunto, encontrando-se explícitos o conceito de netnografia, fundindo as palavras net com etnografia, tanto quanto etnografia virtual, definidos como observações do processo de comunicação virtual (AMARAL, NATAL, VIANA, 2008). Outros termos tentam dar conta do processo de pesquisa com estes instrumentos como etnografia digital, webnografia e ciberantropologia (AMARAL, 2010, p. 127).

A associação da virtualidade com a etnografia que pressupõe um longo período de presença física no campo, soam contraditórias principalmente se considerados os clássicos da antropologia como BOAS (1967) que fundou seus pressupostos em larga experiência junto aos inuit, no Canadá, Malinowsky (1978) e sua obra baseada em imersão no Pacífico Ocidental que, no início do século XX, vão delimitar o exercício antropológico como fundamentado na observação direta.

A análise das interações sociais e humanas possíveis pelas mídias sociais remonta à segunda guerra mundial, embora o instrumento aqui utilizado, o WhatsApp tenha surgido em 2009, conforme indicado por fontes diversas (LIMA, ARAUJO e CAVALCANTE, 2019).

No caso desse artigo a proposta foi de participar do grupo como uma forma de imersão que permitisse observar o conteúdo das comunicações e intensidade da vivência do grupo a partir desse instrumento, complementando informações de que já se dispunham, inclusive publicadas em trabalhos anteriores pelos autores e outros estudiosos da mesma ilha de Cotijuba, como: Amaral (1992); (CARVALHO e GUERRA, 2003); Corte Brilho (2015); (CRESPI e GUERRA, 2013); Melo (2010); (SILVA, LOPES e GUERRA, 2003; Guerra (2001, 2002^a, 2002^b, 2007); (GUERRA e MENDES, 2001), assim como orientação de trabalhos de conclusão de curso de graduação, dissertações de mestrados e participações em bancas de avaliação de dissertações e monografias sobre a ilha de Cotijuba. De fato, a circulação de informações no grupo de Whatsapp não se restringia às atividades produtivas, mas a todos os aspectos do cotidiano do grupo, iniciando pelas saudações cordiais de bom dia, ampliando-se pelos votos de feliz aniversário, manifestações carinhosas e de amizade, trocas de fotografias, piadas, informações de utilidade pública como a comunicação sobre concursos públicos, ofertas de emprego, dicas de saúde, alimentação, orações, comunicados de acidentes, assaltos, adoecimentos, falecimentos, eventos urbanos, atividades culturais, manifestações políticas e debates sobre temas polêmicos como o processo da Lava Jato e os embates entre as diversas linhas desse campo nos períodos eleitorais.

Em que pesem as manifestas divergências de ideias e posicionamentos políticos, religiosos, esportivos e culturais, o ambiente se caracteriza pela cordialidade, havendo cinco defecções desde o seu início até o momento em que foi acompanhado. De 43 membros do grupo em maio de 2016, em abril de 2019 esse número é de 39, sendo que um deles é caracterizado como o próprio grupo, o que deixa como soma 38 participantes individuais

nessa data. Das pessoas que saíram do grupo, apenas uma manifesta motivos políticos para se ausentar, as outras com registros pela administração do grupo como o não interesse pelos temas tratados, uma justificando sair de todos os grupos dos quais fazia parte por motivos de tratamento espiritual e duas delas sem justificativa manifestada.

A descrição detalhada do grupo virtual mostra como o relacionamento entre os seus membros extrapola os objetivos expressos da entidade, permitindo um relacionamento coloquial e amistoso, em que pese a impressão de que o auto controle a que se impoem os participantes seja efetivo.

2 MMIB - GRUPO DO WHATSAPP

O grupo do WhatsApp do MMIB foi criado em 04 de junho de 2014 por Adriana Gomes, uma das coordenadoras do movimento, sendo que o grupo tinha 43 membros em 2016 e era administrado pela sua criadora. Esse Grupo, seguindo o perfil do MMIB, é formado por 30 mulheres e 8 homens, sendo portanto delas a predominância. A importância desse protagonismo e afirmação de gênero se encontra desenvolvido na tese de Corte Brilho (2015), em que demonstra a dificuldade de reconhecimento do papel da mulher no ambiente da ilha em geral e em particular na Associação dos Moradores da Ilha de Cotijuba. Dentre os membros do MMIB estão presentes coordenadores da entidade, associadas e associados, parceiros, colaboradores, pesquisadores de Instituições científicas públicas e privadas e membros de ONGs parceiras do MMIB. O MMIB tem, segundo L, uma das administradoras, em torno de 70 membros, mas apenas 20 deles quites com a organização. Considerando esses números, verifica-se que a burocracia da organização está longe de atender ao dinamismo que ela demonstra.

Os autores desse texto solicitaram suas inserções no grupo na condição de pesquisadores e colaboradores da entidade. A intenção declarada e acordada ao se solicitar a entrada no grupo foi a de poder acompanhar as suas ações, em particular as formas de mobilizações e articulações da entidade. Com a vivência desse relacionamento se pode perceber que esse meio de comunicação tem outras virtudes que fortalecem a identidade do próprio grupo, seja pelas mensagens referentes às atividades específicas do MMIB, seja por outras que dizem respeito à saúde, educação, transporte, política, religião, esporte, emprego, segurança, saneamento e utilidades públicas ou ainda pela relação de amizade, companheirismo, sociabilidade e solidariedade que em diversos momentos são explicitados no grupo. O grupo virtual é dinâmico, informativo e um dos principais meios utilizados pela direção da entidade para publicizar, articular, informar, animar e mobilizar membros associados, parceiros e colaboradores a participarem das ações e projetos realizados pela entidade. Além de tudo isso, é um excelente meio de registro das atividades do MMIB, divulgando-se o cotidiano da entidade, com imagens e textos sobre cada um de seus eventos.

Para os pesquisadores foi um importante instrumento de comunicação e informação, de coleta de dados, e um caminho efetivo para a investigação, entretanto, reafirma-se novamente que tais possibilidades não substituíram a presença em campo.

A Sede da organização está localizada na ilha de Cotijuba, dificultando a mobilidade de quem está à frente da entidade fazer pessoalmente as devidas publicidades e articulações das ações em todo o território de abrangência da entidade. Deve-se levar em conta que a disposição geográfica das moradias dos participantes do MMIB é de dispersão no vasto território insular belemense, o que torna os meios de comunicações virtuais, principalmente o aplicativo WhatsApp, um importante instrumento de comunicação.

Outro fator que deve ser levado em conta é o custo dessa mobilidade. Sendo essa feita pelas redes sociais os gastos são acessíveis ou a custo zero. Esse modo de comunicação tem ajudado a entidade no processo de mobilização já que ela não tem uma receita fixa. A rede de

relações dentro do grupo do WhatsApp permite que se conversem sobre as questões relacionadas aos interesses do MMIB, porém vai além disso, pois no grupo desenrolam-se outros assuntos que estão relacionados às atividades e interesses pessoais, como a preocupação pela saúde de um determinado membro, o compartilhamento de momentos felizes ou tristes, opiniões sobre assuntos da política, economia e outros, ou simplesmente uma postagem engraçada ou cordial para manifestar apreço, provocação jocosa, felicitações por conquistas realizadas ou sentimentos de pesar nos casos de doenças ou falecimentos.

O uso dessa ferramenta virtual (WhatsApp) é percebido por COSTA (2018) da seguinte forma:

São registros em textos, vídeos, fotos, músicas, paródias etc. que podem reunir o apoio do grupo de referência, por meio de um simples 'curtir', como também em forma de comentários e ampliando a rede de envolvidos, quando o registro é compartilhado (COSTA, 2018, p.16).

Esses tipos de assuntos não relacionados à entidade eram e são possíveis pelo laço de amizade e solidariedade entre seus associados e as pessoas colaboradoras da entidade.

Os relacionamentos e comportamentos no grupo do WhatsApp do MMIB podem ser observados pela imersão virtual, ferramenta capaz de auxiliar na observação do comportamento humano. Entende-se, porém, que só é possível um bom resultado desta articulação e mobilização, quando já se tem com as pessoas do grupo uma relação presencial construída ou em fase de construção.

Os dados documentais obtidos de forma não presencial se deu principalmente através de email ou da página na internet da associação, facebook ou blog. Não foi usada a ferramenta WhatsApp para a coleta de dados documentais, pois, eram obtidos de forma presencial e em situações pontuais, por email. Entretanto, estima-se que a inserção dos pesquisadores no grupo do WhatsApp da entidade foi fundamental para o sucesso do projeto de dissertação.

Para sustentação teórico-conceitual da pesquisa, foram definidos os procedimentos de coleta e análises de dados que trouxessem respostas aos questionamentos orientadores da pesquisa sendo o principal: como se estabeleceram “as relações e os interesses de uma empresa, que tem como objetivo final o lucro¹, mas faz investimento e marketing de empresa social e ambientalmente correta” (MESQUITA, 2017).

A metodologia correspondeu à coleta de dados de campo e à revisão de literatura que foi se construindo paralelamente, ou seja, pesquisa de campo e pesquisa literária, ambas se complementaram e formaram um arcabouço de conhecimento que possibilitou este trabalho. Na fase de coleta de dados em campo, através de levantamento de dados primários foi utilizado o método da observação participante, integrada a entrevistas qualitativas e semi estruturadas. Essa foi a principal ferramenta de coleta de dados em campo.

Os recursos para coleta e registro de dados usados foram: roteiro de entrevista, celular, caderno de anotações, canetas, gravador, máquina fotográfica. O uso de um roteiro de entrevista, foi restrito e usado em algumas situações como um norteador das indagações, pois esse tipo de instrumento, gera no pesquisado um desconforto e pouca liberdade de manifestação. Na outra ponta, a pesquisa secundária que de certa forma, aconteceu paralelamente à pesquisa de campo, criamos uma base teórica que nos possibilitou a entender e organizar os dados trazidos do campo e que foram usados na dissertação (MESQUITA, 2017).

A sistematização e análise dos dados empíricos e teóricos coletados (entrevistas, as observações e as anotações em campo, leitura de mapas, a pesquisa bibliográfica) trouxeram como resultado a elaboração da dissertação citada no parágrafo anterior.

3 ETNOGRAFIA VIRTUAL OU APENAS UM TIPO DE IMERSÃO NO CAMPO PARA COLETA DE DADOS?

As páginas virtuais na internet, os correios eletrônicos e as redes sociais são exemplos de comunicação e informação usados cada vez mais para o acesso à pesquisa. Para Costa (2018) as redes sociais virtuais “... tornaram-se também, canais para estudos científicos e empíricos, servindo como meio para coleta de dados, para divulgação de resultados ...”.

Mill e Fidalgo (2007, p. 2) dizem que “os meios virtuais podem significar uma transformação benéfica e, de certa forma, radical nas propostas metodológicas de investigações futuras”. O uso do WhatsApp e correio eletrônico foram importantes instrumentos utilizados na coleta de dados para a formação do arcabouço de conhecimentos que subsidiou a dissertação e esse artigo. Esses instrumentos virtuais contribuíram para o acesso à comunicação, informações técnicas e sobre o cotidiano da organização, trazendo provas documentais como vídeos, áudios, imagens e textos, além de um diálogo cotidiano que permitiu identificar posicionamentos e um comportamento próprio do grupo (MESQUITA, 2017).

Logo depois dos primeiros contatos, com a definição do recorte da pesquisa e com o foco principal definido, o MMIB, muitas informações e provas documentais foram acessadas por esses meios, com destaque para o uso da rede WhatsApp. Para saber de algumas informações ou ter acesso a determinados documentos, fazia-se contatos anteriormente, via whatsapp privado das coordenadoras do movimento, no sentido de saber da existência de tais informações ou de documentos e a possibilidade de acessá-los. Em seguida procedia-se à formalização, fosse por um email assumindo o caráter de ofício ou memorando, fosse por carta impressa, o que entretanto foi raro.

Para Mill e Fidalgo (2007, p. 4) “o bate-papo ou o fórum de discussão faz uso principalmente da linguagem escrita, mas também se pode utilizar a linguagem oral ou a imagem”.

Vários motivos dão à rede de comunicação WhatsApp, a primazia: primeiro por ser no Brasil, o segundo mais utilizado nessa linha de redes sociais. “Entre os internautas, 92% estão conectados por meio de redes sociais, sendo as mais utilizadas o Facebook (83%), o Whatsapp (58%) e o Youtube (17%) (BRASIL, 2014, p. 7). Depois, pela rapidez e os recursos oferecidos, como o envio e recebimentos de textos, imagens, fotos, documentos, áudios e vídeos. É incontestável a eficiência e facilidade que traz para quem acessa.

A literatura pertinente ao assunto é recorrente em reflexões sobre os aspectos interativos que as tecnologias midiáticas tem permitido e as alterações que tem provocado nas relações sociais (SOUZA; ARAUJO; PAULA, 2015). O que afirmamos é que os meios virtuais são canais importantes, contemporâneos e um suporte que vem se demonstrando eficaz como instrumento de informações, comunicação, interação e coleta de dados não dispensando, entretanto, a presença física no campo. Deve-se considerar, que o grau de imersão no grupo, durante 24 horas, permite um tipo de relação qualitativamente intensa e que inspira a associação a uma presença física.

Mill e Fidalgo (2007, p. 1 e 2), no artigo “A internet como suporte técnico para coleta de dados para pesquisas científicas”, dizem:

A tese explorada neste texto é que, com o advento e a evolução das ferramentas virtuais (tecnologias da informação e da comunicação), isto é, com o advento da Internet, os suportes comunicacionais adotados para o uso das técnicas de coleta de dados ganharam um reforço extremamente importante e rico.

A Pesquisa Brasileira de Mídia 2015 (PBM-2015) foi realizada pelo Instituto Brasileiro de Opinião Pública e Estatística – IBPOP. “Encomendada pela Secretaria de

Comunicação Social da Presidência da República (SECOM) para compreender como o brasileiro se informa, a PBM 2015 foi realizada com mais de 18 mil entrevistas” (BRASIL, 2014, p. 7).

Outro meio que foi utilizado para a pesquisa, menos acessado, mas não menos importante, foi o correio eletrônico (e-mail) pelo qual se teve acesso a diversos documentos do MMIB. “E-mail ou correio eletrônico é um serviço disponível na Internet estabelecido a partir do envio e recebimento de mensagens entre seus usuários” (MILL e FIDALGO, 2007, p. 5). Por meio deste instrumento virtual solicitaram-se documentos e informações ao MMIB, justificando o objetivo para a solicitação e o compromisso de não usá-lo para outros fins que não o da pesquisa da dissertação. Desta forma se teve acesso a documentos como o estatuto social, relatório anual das ações da entidade, entre outros, gentilmente enviados pela direção. Considerando que para o acesso a estes documentos não se fez necessário ir sempre ou estar fisicamente na Sede do MMIB, houve uma efetiva economia de tempo e custo financeiro.

Compreende-se que para o Movimento de Mulheres das Ilhas de Belém – MMIB ter atendido a esta solicitação foi necessário se criar com a entidade e os pesquisadores um nível de relação de confiança e respeito e isso só se constrói *in loco*. Foi isso que foi buscado nas diversas vezes que se foi ao local, em algumas dessas viagens participando de atividades como mutirões, oficinas, atividades culturais, possibilitando-se o fortalecimento de vínculos e das relações com os membros da entidade, através do respeito, da solidariedade, da colaboração e do compromisso com o que se estava propondo realizar e partilhar.

O relacionamento anterior de um dos pesquisadores com o grupo facilitou essa imersão virtual e a entrada no campo para a efetivação da pesquisa, o que foge ao enquadramento do clássico trabalho etnográfico em que os pesquisadores imergem em ambientes longínquos de seus espaços de vivência e culturas completamente diferentes das de origem do pesquisador. Esse é um ponto que merece reflexão uma vez que esse tipo de imersão virtual se dá em ambiente já conhecido, com uma ferramenta que é partilhada com os indivíduos (ou pelo menos com parte deles) da comunidade estudada. Apesar de estarem no mesmo enquadramento geográfico e cultural, é pertinente a crítica e a reflexão sobre até onde ficam garantidos os exigidos requisitos de distanciamento e as cautelas com o engajamento que possam comprometer os resultados da pesquisa (ELIAS, 1993).

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presença em grupos de WhatsApp permitem um tipo de imersão qualificado, com limites e vantagens que devem ser ponderados. No caso específico tratado nesse artigo, qual seja o do Movimento de Mulheres das Ilhas de Belém, o MMIB, deve-se levar em conta os seguintes aspectos. Em primeiro lugar, a comunicação em tempo imediato é um avanço considerável para o controle de informações de mercado, esclarecimentos, posicionamentos para tomadas de decisões urgentes e em acordo com os membros da organização. Áreas consideradas longínquas, isoladas, dispersas, confins, covões, praticamente deixaram de existir por conta de que as informações chegam e de lá saem com uma velocidade praticamente de tempo real, permitindo aos habitantes dessas localidades uma interação qualificada com os centros urbanos.

Em segundo lugar, percebe-se o esforço tácito da administração do grupo em evitar temas políticos que possam comprometer a coesão dos participantes da entidade, embora a manifestação de cada um não tenha sido nem estimulada nem tolhida. Houve um caso de candidatura política de um dos membros do MMIB, sem que aparentemente esse fato comprometesse as relações entre os seus membros. Ao contrário, ao que se pode deduzir, o engajamento no MMIB pode ter sido subliminarmente elemento credenciador dessa candidatura. Atualizando as informações para o que vem ocorrendo na política nacional,

estadual e municipal, a postura do MMIB tem sido ponderada e muito cautelosa, não se furtando os seus participantes a se manifestar sobre os assuntos da atualidade.

Em terceiro lugar, a fluência dos temas pertinentes ao grupo, em particular os relativos a atividades produtivas, tiveram preponderância e uma animação ilustrada com fotografias e comentários estimulantes a cada uma das ações. Nesse mister couberam também registros de seus membros participando de reuniões externas ou representando a entidade em eventos ocorridos fora da localidade.

Em quarto lugar, verifica-se que o grupo de comunicação via zap fortaleceu as relações entre seus membros, não se restringindo às atividades produtivas, mas abrangendo todos os aspectos da convivialidade entre os seus participantes. Dada a amplitude do grupo e dificuldades existentes para o acesso em determinadas áreas distantes das ilhas, algumas pessoas se constituem como mensageiros ou como nós de uma rede para ampliar essa comunicação. Há casos em que um telefone serve como meio de comunicação para várias famílias.

Em quinto lugar, verificou-se, por parte dos pesquisadores, a imersão virtual funcionando para comunicar fatos e solicitar informações, tanto quanto para se inserir em atividades presenciais como mutirões, reuniões com organizações parceiras, marcação de entrevistas e atividades de campo pertinentes ao trabalho da pesquisa, com uma eficácia que recomenda o uso desse procedimento em pesquisa, guardando-se e recomendando-se a perspectiva de mesclar sempre essa atividade com a presença física.

Embora esse tipo de imersão virtual cotejada com a presença frequente em campo permita uma associação com os estudos etnográficos, não se autoriza o enquadramento enquanto etnografia, uma vez que os elementos demarcatórios desse conceito se deram historicamente com características específicas em que a presença física prolongada dos pesquisadores nas comunidades e grupos pesquisados e o distanciamento cultural entre eles se estabeleceram como premissas fundadoras e éticos de comportamento do campo da antropologia.

Baseados na reflexão comparativa entre a virtualidade e a presença física nos trabalhos etnográficos, cabem algumas questões que permanecem para alimentar o debate e a crítica saudável sobre as ferramentas tecnológicas que vem se agregando ao campo da pesquisa. Que termo utilizar para definir esse tipo de imersão virtual concomitante com visitas frequentes ao campo estudado? Que pertinência legítima ou desautoriza o uso de termos como netnografia e etnografia virtual, considerando-se principalmente o estabelecido como o conceito de etnografia no campo antropológico? O que fazer para atualizar o debate sobre a inserção das tecnologias informacionais no campo específico da antropologia? Essas questões, levantadas a título de considerações finais, estimulam à verificação das transformações que vem ocorrendo no campo da pesquisa por força e interferências das tecnologias de informação em curso.

REFERÊNCIAS

AMARAL, Assunção José Pureza. **Registro histórico da ilha de Cotijuba: uma análise da Colônia Reformatória de Cotijuba.** 1992. Trabalho de conclusão de curso (Graduação em Ciências Sociais), Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Pará, Belém, 1992.

AMARAL, Adriana. Etnografia e pesquisa em cibercultura: limites e insuficiências metodológicas. **Revista USP**, São Paulo, n.86, p. 122-135, junho/agosto 2010.

AMARAL, Adriana; NATAL, Geórgia; VIANA, Lucina. Netnografia como aporte metodológico da pesquisa em comunicação digital. **Cadernos da Escola de Comunicação**, Curitiba, 06: 1-12, 2008.

BOAS, Franz. **Kwakiutl Ethnography**. Chicago: University of Chicago Press, 1967.

BRASIL. Presidência da República. **Secretaria de Comunicação Social**. Pesquisa brasileira de mídia 2015 : hábitos de consumo de mídia pela população brasileira. – Brasília : Secom, 2014. Disponível em: <http://www.secom.gov.br/atuacao/pesquisa/lista-de-pesquisas-quantitativas-e-qualitativas-de-contratos-atuais/pesquisa-brasileira-de-midia-pbm-2015.pdf>. Acesso em: 08 julh. 2020.

CARVALHO, V. R. V. e GUERRA, G. A. D. . Ruralidade na capital do Estado do Pará. Permanência e mudança na Ilha de Cotijuba. In: Luis Eduardo Aragón. (Org.). **Conservação e Desenvolvimento no estuário e litoral amazônicos**. 1a. ed. Belém: UFPA/NAEA, 2003, v. I, p. 199-214.

CORTE BRILHO, Silvaneide Santos de Queiroz. **Dinâmica econômica e social na Amazônia rural**: o protagonismo do Movimento de Mulheres das Ilhas de Belém (PA). 2015. Tese de doutorado. UNICAMP, Campinas, 2015.

COSTA, Barbara Regina Lopes. Bola de Neve Virtual: O Uso das Redes Sociais Virtuais no Processo de Coleta de dados de uma Pesquisa Científica. **Revista Interdisciplinar de Gestão Social**. CIAGS/EA/Universidade Federal da Bahia. Salvador, v 7, n 1, 2018. Disponível em: <file:///C:/Users/Vav%C3%A1/Downloads/24649-93456-1-PB.pdf> Acesso em: 18 jan. 2019.

CRESPI, Brunna e GUERRA, G. A. D. Ocorrência, coleta, processamento primário e usos do Pracaxi (*Pentaclethra macroloba* (Willd.) Kuntze) na Ilha de Cotijuba, Belém- PA. **Revista Brasileira de Agroecologia**, Rio de Janeiro, v. 8, p. 176-189, 2013.

ELIAS, Norbert. **Engagement et distanciation**. Paris: Fayard, 1993.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. 13ed. Rio de Janeiro: LTC, 2008.

GUERRA, G. A. D. O poder das marés na região amazônica no final do século XVIII e início do XIX: o engenho de Cotijuba, Belém, Pará, Brasil. **Movendo Idéias** (UNAMA), Belém, v. VI, n.10, p. 69-75, 2001.

GUERRA, G. A. D.; RAMOS, C. R.; MONTEIRO, M. A. H. . Transformações recentes na paisagem e na base produtiva da ilha de Cotijuba. Belém, Pará, Brasil. **Movendo Idéias** (UNAMA), Belém, v. VII, n.11, p. 48-55, 2002a.

GUERRA, G. A. D. **Perfil socioeconômico dos produtores agro-extrativistas da ilha de Cotijuba, Belém-Pará**. Belém: Universidade da Amazônia; Banco da Amazônia; Fundação Instituto para o Desenvolvimento da Amazônia, 2002b.

GUERRA, G. A. D. Desenvolvimento territorial na Amazônia: rural e urbano como faces da mesma moeda. In: **O Rural e o urbano na Amazônia**. Diferentes olhares em perspectivas. 1ed Organização Ana Claudia Duarte Cardoso. Belém: EDUFPA, 2006, p. 97-110.

GUERRA, G. A. D. **Efeitos da ocupação urbana no extrativismo vegetal da Ilha de Cotijuba**. 1. ed. Belém: Unama, 2007.

GUERRA, G. A. D.; MENDES, F. T. As duas faces do Turismo em Cotijuba. **Comunicado**, Belém, p. 1 - 2, 17 dez. 2001.

LIMA, Danilo Lopes Ferreira; ALMEIDA, Lana Paula Crivelaro Monteiro de; CAVALCANTE, Alexandre Guimarães Bezerra. **A utilização do WhatsApp como ferramenta de construção inicial de um trabalho de conclusão de curso**. Disponível em: unifor.br/documents/20143/718764/A+utilizacao+do.... Acesso em: 07 abr. 2019.

MALINOWSKY, Bronislaw. **Os argonautas do pacífico Ocidental**. Um relato do empreendimento e da aventura dos nativos nos arquipélagos da Nova Guiné melanésia 2ed. São Paulo: Abril Cultural, 1978.

MELO, Odimar do Carmo. **Lugar e comunidade na Ilha de Cotijuba**. 2010. Dissertação (Mestrado em Geografia) - Universidade Federal do Pará. Belém, 2010.

MESQUITA, Osvaldo. **Usos de produtos florestais não madeireiros pelas mulheres das Ilhas de Belém, Pará, Brasil**. 2017. Dissertação (Mestrado em Agriculturas Amazônicas) – INEAF, Universidade Federal do Pará. Belém, 2017.

MILL, D.; FIDALDO, F. **A internet como suporte técnico para coleta de dados para pesquisas científicas**. 2007. Disponível em: http://intranet.ufsj.edu.br/rep_sysweb/File/vertentes/Vertentes_29/mill_e_fidalgo.pdf. Acesso em: 10 maio 2016.

REIS, Maria Izabel Alves dos. **Gestão, trabalho e adoecimento docente: caminhos e descaminhos na Fundação Escola Bosque**. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal do Pará, Instituto de Ciências da Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação, Belém, 2009.

SILVA, L. C. M.; LOPES, J. L. S. ; GUERRA, G. A. D. . Religiosidade popular e devoção doméstica: a festa de Nossa Senhora da Batalha na Ilha de Cotijuba. **Fragments de Cultura** (Goiânia), Goiânia, v. 13, n.4, p. 845-859, 2003.

SOUZA, Juliana Lopes de Almeida; ARAÚJO, Daniel Costa de; PAULA, Diego Alves de. Mídia Social Whatsapp: uma análise sobre as interações sociais. **Revista AlterJor**, Ano 06– Volume 01 Edição 11 – Janeiro-Junho de 2015. Disponível em:

<http://www.revistas.usp.br/alterjor/article/view/aj11-a05/aj11-a005.pdf>. Acesso em: 07 abr. 2019.